

Arte e Natureza em Tempos de Mudanças Climáticas

Art and Nature in the Age of Climate Change

HUGO FORTES

Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo (ECA USP) - São Paulo, Brasil

NIVALDA ASSUNÇÃO

Universidade de Brasília – Brasília, D.F., Brasil

RESUMO

Esta apresentação propõe um olhar transdisciplinar sobre as relações entre arte e natureza em tempos de crise climática tratadas nesse dossiê. As contribuições reunidas refletem a coexistência entre humanos e não-humanos, abordando questões ecológicas, simbólicas, políticas e poéticas. A arte é compreendida como potência crítica e sensível para repensar o imaginário ambiental, promovendo novas conexões entre estética, ciência, espiritualidade e educação. A natureza aqui é vista como agente e parceira, e não mais apenas como objeto de contemplação.

PALAVRAS-CHAVE

Arte e natureza, Crise climática, Transdisciplinaridade

ABSTRACT

This introduction proposes a transdisciplinary perspective on the relationships between art and nature in times of climate crisis, as addressed in this dossier. The selected contributions reflect on the coexistence of humans and non-humans, addressing ecological, symbolic, political, and poetic issues. Art is understood as a critical and sensitive force for reimagining environmental imaginaries, fostering new connections between aesthetics, science, spirituality, and education. Nature here is seen as an agent and partner, and no longer merely as an object of contemplation.

KEYWORDS

Art and nature, Climate crisis, Transdisciplinarity

Para se pensar as relações entre arte e natureza no atual contexto recrudescente de mudanças climáticas é necessário estabelecer diálogos com diversas áreas do conhecimento e ir além da clássica discussão da representação do mundo natural por meio de imagens. São muitas as questões envolvidas: a revisão dos gêneros artísticos tradicionalmente ligados à natureza, como a pintura de paisagem e a natureza morta; a discussão das relações entre arte e tecnociência, desde seu momento inicial ancorado na ilustração científica, até às possibilidades de interferência da tecnologia sobre o meio ambiente e seus habitantes; a convivência muitas vezes problemática entre humanos e não-humanos, animais, vegetais, fungos e minerais; as simbologias e fabulações inspiradas por séculos de um imaginário natural; as especificidades das linguagens artísticas que tratam das poéticas da natureza; o comprometimento

da arte com a educação ambiental e a conscientização ecológica; o lugar do corpo em um ambiente pós-humano que já não distingue cultura de natureza; a degradação ambiental e as populações e espécies afetadas pelas catástrofes climáticas e, por fim, os aspectos sócio-políticos, filosóficos, espirituais, poéticos, teóricos e práticos envolvidos nestas relações.

Evidentemente, este dossiê não tem a pretensão de esgotar a discussão sobre todos esses aspectos, mas oferece uma ampla variedade de abordagens das relações entre arte e natureza na atualidade. Percorrendo diferentes suportes e poéticas artísticas, as obras aqui reunidas, tanto denunciam os aspectos deletérios das mudanças climáticas e o distanciamento do ser humano contemporâneo em relação ao mundo natural, quanto ressaltam a importância da contemplação e ativação estética do ambiente que nos cerca, reforçando nossas conexões afetivas e simbólicas com o planeta que habitamos.

Como ponto de partida para entender a complexidade do tema abordado por este dossiê, podemos nos apoiar no arcabouço teórico apresentado no artigo "Ecologias da Sensibilidade, ou a função crítica da arte diante da crise climática", de Sandra Rey. Entrecruzando referências filosóficas, ecológicas, históricas e científicas, de autores como Félix Guattari, Alexander von Humboldt e Philippe Descola. A autora nos convoca a pensar a natureza em uma chave ampla, que necessita de uma abordagem transdisciplinar para ser compreendida. A arte contemporânea é pensada aqui como forma de se pensar o mundo em conjunto com outras áreas do conhecimento na busca de uma conscientização ecológica holística e sensível.

A multiplicidade de vozes necessária para a sobrevivência na era do Antropoceno deve envolver não somente os diferentes campos do saber humano, mas também promover diálogos e cooperações com os não-humanos. Apenas uma convivência mais harmônica, ou no mínimo mais respeitosa, com as espécies co-existentz pode garantir a manutenção saudável deste grande organismo chamado Gaia. Os não-humanos são abordados neste dossiê em suas diferentes manifestações: animais, vegetais e minerais. Jessica Ullrich, Mauro Bonfim Espíndola, Gabrieli Simões e Thiago do Amaral Biazotto apresentam contribuições significativas para a discussão das poéticas animais. De forma original, Ullrich aborda um animal pouco discutido no campo da arte: o polvo! Partindo de reflexões sobre noções de alteridade em relação a este

molusco tão diferente de nós, a autora traça um panorama de suas representações na história da arte, chegando a obras de artistas contemporâneos que se recusam a apresentar o animal como objeto; ao invés disso, procuram estabelecer parcerias interespecíficas e bastante inusitadas.

O artigo de Gabrieli Simões e Thiago do Amaral Biazotto também se apoia em um levantamento iconográfico e histórico das simbologias de um animal bem mais recorrente na arte, o cavalo, porém coloca em cheque suas representações muitas vezes associadas ao poderio bélico, à virilidade e à força quando nos coloca diante da contundente imagem midiática de um cavalo se equilibrando no telhado durante as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul em 2024. Este eloquente contraponto nos leva a repensar nossas relações com o ambiente ameaçado pelas mudanças climáticas.

O ensaio visual ANIMALIS IMAGINIBVS, do artista Mauro Bonfim Espíndola apresenta uma consistente trajetória poética em que os animais, reais ou fabulares, ocupam papel de destaque. Reencenando gabinetes de curiosidades por meio de gravuras e pequenos objetos, Espíndola nos transporta para mundos oníricos, que nos fazem questionar a pretensa supremacia científica da racionalidade humana.

As espécies vegetais são o mote dos trabalhos desenvolvidos por Darlene Farris-LaBar e Mayara Nardo. A observação das plantas a partir de suas características cromáticas e formais é o que motiva Mayara Nardo a produzir os cadernos de imagens apresentados em seu ensaio visual. Baseando-se em uma "abordagem bioinspirada", a artista produz uma série de pinturas em cores vivas de notada qualidade gráfica. Já a americana Darlene Farris-LaBar usa a tecnologia como ferramenta para chamar a atenção para a necessidade de preservação dos biomas e sua riqueza natural. Utilizando impressão 3D e outras tecnologias digitais, Darlene reproduz as formas e cores de plantas em vias de extinção, utilizando a tecnologia como um braço da natureza, e não em oposição a ela.

Refletindo sobre os impactos políticos, sociais, econômicos e ecológicos da extração de minerais, a artista Vânia Barbosa constrói uma poética densa trafegando entre as linguagens do desenho, performance, instalação, fotografia e vídeo. Seu trabalho une investigações formais no campo da arte a um engajamento crítico e reflexivo sobre o território.

Animais, vegetais e minerais, juntamente às populações humanas e suas construções compõem um ambiente múltiplo que geralmente chamamos de paisagem. O conceito de paisagem, na verdade, pode ter diferentes acepções, se referindo tanto ao enquadramento de imagens da natureza através de nossa visão cultural e artística, como também o território habitado e transformado pelo humano. Este composto geográfico e multiespécies, em constante transformação diante da crise climática é tema de discussão para diversos dos artigos aqui presentes.

As florestas e os ambientes marítimos e fluviais aparecem por exemplo nas contribuições de Viga Gordilho, Hugo Fortes e Leandro Belinaso, Tiago Bassani, Bru Novaes e Havane Melo. Entrelaçando memória, matéria e conceito, Viga Gordilho tece suas cartas de afeto dedicadas ao Amazonas. Estas obras de arte têxtil, construídas como pequenos amuletos a partir da manualidade e da delicadeza, buscam uma reconexão espiritual e afetiva com o sagrado da natureza, sua beleza arrebatadora e sua potência.

O ambiente amazônico é também tema da conversa entre o escritor e biólogo Leandro Belinaso e o artista visual Hugo Fortes. Construindo um belo ensaio filosófico-literário, Belinaso elabora perguntas sobre a produção artística recente de Hugo Fortes, realizada a partir de suas incursões na floresta amazônica. Reflexões sobre o processo criativo, a capacidade narrativa das imagens pictóricas e a relação do artista com a paisagem florestal e seu engajamento ambiental são apresentadas textualmente de forma poética e sensível.

A Amazônia também aparece no trabalho do artista Tiago Bassani, porém aqui são ressaltados particularmente os aspectos culturais e míticos das comunidades ribeirinhas paraenses. Através de suas aparições performáticas encarnando seres espirituais que surgem inesperadamente nos contextos florestais visa tensionar os limites entre o imaginário e a realidade. As relações entre corpo e natureza e as fabulações de seres e ambientes oníricos também refletem os interesses da artista Bru Novaes. Em seu ensaio visual, ela reúne algumas delicadas imagens em aquarela e fotografia que se referem a uma ilha flutuante, rodeada por águas que ao mesmo tempo que a isolam, a conectam a outros corpos metamorfoseantes. As imagens foram produzidas a partir de uma residência realizada pela artista na Ilha de Itaparica.

Narrativas ficcionais são utilizadas pela artista Havane Melo para reelaborar sua vivência junto ao Rio São Francisco, na Bahia. Utilizando recursos de pós-produção imagéticos e sonoros, a artista compõe uma coleção de micro vídeos fragmentários que expõem as estratégias da linguagem visual para a constituição de paisagens além do real.

Especificidades da linguagem fotográfica e suas potencialidades expressivas na captação de paisagens naturais ou construídas são discutidas particularmente nos textos de Ana Ottoni, Fabrício Reiner de Andrade e Marco Antônio Filho. Ottoni dedica-se ao estudo de imagens fotográficas do que ela chama de paisagem desencantada, concentrando-se na análise do trabalho de fotógrafos que documentaram floresta amazônica não em seu esplendor natural, mas como ruínas provocadas pelas intervenções humanas como o desmatamento, sua exploração territorial e descaracterização paisagística. Enquanto as fotografias analisadas por Ana Ottoni contradizem os cânones tradicionais da representação de paisagens, ao concentrar-se na destruição do território, as fotografias de Antônio Saggese, discutidas no artigo de Fabrício Reiner de Andrade, dialogam com a tradição imagética dos artistas viajantes e os pintores e fotógrafos paisagísticos do passado, porém produzindo imagem declaradamente ficcionais e de grande liberdade poética e expressividade plástica.

No texto de Marco Antônio Filho, reflexões sobre o tempo geológico e o tempo fotográfico, bem como sobre a escala ambiental e a escala da fotografia, são problematizadas. Dialogando com artistas e fotógrafos que retrataram a pequenez do humano diante da grandiosidade arrebatadora das paisagens rochosas, Marco Antônio Filho atualiza o conceito de sublime em uma era em que as interferências do homem sobre o ambiente afetam até mesmo as camadas geológicas.

Conversar com paisagens rochosas da Chapada Diamantina, procurando compreender suas relações com as comunidades que a habitam, seus saberes ancestrais e práticas de resistência é o que inspira o trabalho artístico do duo Rodriguez Remor, entrevistados neste dossiê por Matteo Bergamini. Além de realizar um trabalho multidisciplinar, os artistas coordenam também a residência Mirante Xique-Xique, oferecendo a possibilidade de que outros artistas-pesquisadores possam experienciar o território neste ambiente

distante dos grandes centros marcado por uma história e paisagem bastante peculiar.

Se a paisagem agreste distante pode servir de refúgio e inspiração para o trabalho de alguns artistas, outros buscam no próprio ambiente urbano, poluído e afetado diretamente pelas mudanças climáticas, o material de discussão para suas propostas poéticas. É o caso dos trabalhos de Alexandre de Nadal e Ruben Ferreira. Por meio da fotografia, do vídeo e da inteligência artificial, Nadal produziu uma série de trabalhos em que simula ficcionalmente uma enchente nas ruas de Porto Alegre, exibidos coincidentemente poucos dias antes da verdadeira inundação que assolou o Rio Grande do Sul entre abril e maio de 2024. O caráter quase premonitório do trabalho chama a atenção para o poder da arte de colocar em discussão os problemas urgentes da atualidade e funcionar como um alerta para a conscientização ecológica, mesmo quando usa de recursos poéticos e fabulares. Já na vídeo-performance e instalação multissensorial de "Dão água aos mortos que já não têm sede" de Ruben Ferreira, a poluição ambiental é abordada por meio de recursos tecnológicos envolvendo o público em uma experiência visual, tátil e olfativa.

A maioria das contribuições apresentadas para a constituição deste dossiê foi apresentada por artistas que discutem seus próprios processos criativos na elaboração de obras relacionadas à natureza, mas também por pesquisadores que debruçam sobre a obra de outros criadores, analisando-as à luz da história e da teoria da arte, da filosofia e das ciências sociais. Entretanto, quando pensamos nas relações entre arte e natureza, não podemos nos esquecer também da importância das discussões advindas das ciências naturais e da educação ambiental. Desta forma, o dossiê apresenta também textos de autoria coletiva que refletem sobre processos pedagógicos de sensibilização sobre o ambiente. Nestes processos, educadores ligados às ciências biológicas propõem imersões na paisagem e experimentações criativas de maneira a romper com os pressupostos mais racionalistas das chamadas ciências "duras", ao aproximá-las dos processos criativos da arte. O que se busca aqui não é necessariamente a formação de artistas, mas de indivíduos mais sensíveis que possam perceber a natureza por meio da expressão artística. Tais processos podem ser observados nos artigos apresentados neste dossiê na seção "Ensaaios de outras áreas do conhecimento". Ali são reunidos relatos de dois coletivos: o

primeiro formado por Tiago Amaral Sales, Victória dos Santos Queiroz, Karen Evangelista Marques, Karen Daniela de Sousa Custódio, Mike Nascimento dos Santos, Lucas Matheus da Rocha; e o segundo formado por Maria Carolina Alves, Sarah de Assis Andrade, Fabiana Cardoso Urzetta, Jenyffer Stefany Pereira Martins e Daniela Franco Carvalho. Em ambos os ensaios, vemos professores e alunos imergirem nos ambientes do Cerrado Mineiro, buscando um contato mais lírico e criativo com a natureza que nos cerca.

O dossiê inclui ainda a resenha de Maria José Azevedo Marcondes sobre *Eco-lógicas Latinas*, que amplia o debate ao articular questões ambientais com as particularidades artísticas e políticas da América Latina. Essa perspectiva decolonial reforça o cerne desta publicação: a necessidade de abordar as relações entre arte e natureza a partir de territórios específicos e saberes historicamente silenciados, superando visões universalizantes.

No ensaio visual *Matéria exposta: fruto-musa*, Nivalda Assunção constrói autorretratos que dissolvem os limites entre corpo e paisagem, transformando sua presença em um gesto de fusão orgânica com o Cerrado e os campos de Brasília. A artista não apenas registra a natureza, mas se torna parte dela: sua pele queimada pelo sol, os poros dilatados pelo suor e a umidade que a envolve criam uma textura tátil, quase selvagem, nas imagens. O *fruto-musa* — a banana — surge como elemento central, ao mesmo tempo alimento, ornamento e símbolo.

Se a modernidade nos legou a ilusão de dominação sobre a natureza, a arte contemporânea — como demonstram os trabalhos analisados — desfaz essa dicotomia, revelando paisagens como *processos* em vez de cenários, animais como *agentes* em vez de símbolos, e minerais como *arquivos vivos* de histórias geopolíticas. A floresta amazônica de Viga Gordilho, os cavalos inundados de Gabrieli Simões, os polvos colaborativos de Jessica Ullrich ou as paisagens ficcionais de Alexandre de Nadal não são meras representações, mas *gestos de reparação*: convocam-nos a escutar o que a filósofa Vinciane Despret (2019) chama de "as vozes do mundo", aquelas que a racionalidade ocidental silenciou.

Nessa perspectiva, o dossiê sugere que a arte, em sua capacidade de fabular futuros possíveis, opera como um *dispositivo de tradução* — transformando dados climáticos em experiências sensíveis, conflitos ambientais

em narrativas afetivas, e a abstração do Antropoceno em corpos, texturas e memórias. Como escreve Sandra Rey, a crise ecológica é também uma crise de imaginário. Superá-la exige, portanto, não apenas políticas públicas ou inovações tecnológicas, mas *metamorfoses da sensibilidade* — e é precisamente aí que a arte, em seu diálogo transgressor com a ciência, a educação e os saberes tradicionais, revela sua potência radical.

Além disso, é importante destacar o meticuloso trabalho de tradução dos textos de Jessica Ullrich e Darlene Farris-LaBar, realizado com rigor por Tajla Medeiros, Rodrigo Ferrarezi e Hugo Fortes — um trabalho delicado e essencial para que essas vozes pudessem ecoar com clareza e riqueza em nossa língua. Igualmente fundamental foi o trabalho de coordenação editorial de Priscila Rampin, assim como a dedicada atuação de toda a equipe da revista Estado da Arte, que tornou possível a materialização deste dossiê em sua forma plural e polifônica.

Por fim, que esta edição seja recebida como um convite a repensar nossa condição terrestre através de lentes que unem o crítico e o poético, o local e o planetário, o humano e o mais-que-humano. Pois, nas palavras do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2014), "o fim do mundo é apenas o fim de *um* mundo" — aquele que insistiu em separar cultura de natureza. Os artistas e pesquisadores aqui reunidos já começaram a esboçar os contornos do que vem a diante.

Referências

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. 1. ed. São Paulo: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2014.

DESPRET, Vinciane. **Habiter em oiseau**. Arles: Actes Sud, 2019

Sobre os autores

Hugo Fortes é artista visual, curador, designer e professor associado da Universidade de São Paulo. Já apresentou seu trabalho em mais de 15 países, em locais como George-Kolbe Museum Berlin, Galerie Artcore Paris, Columbus State University USA, Paço das Artes São Paulo, Brasil, Videobrasil, Centro Cultural Recoleta, Argentina, Assam State Museum, Índia. De 2004 a 2006 viveu em Berlim, como bolsista do Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD), para realização de estágio doutoral. Em 2006 defendeu a tese "Poéticas Líquidas: a água na arte contemporânea", que recebeu o Prêmio Nacional CAPES de Tese em Artes no Brasil. Em 2016

tornou-se livre-docente com a tese “Sobrevoos entre Homens, Animais, Tempos e Espaços: Pensamentos sobre Arte e Natureza”, na Universidade de São Paulo, onde atua como professor desde 2008. Sua pesquisa é voltada pelas relações entre arte e natureza, com destaque para questões relativas às florestas, aos animais e à água.

hugofortes@usp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4938045740473426>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4515-2521>

Nivalda Assunção é artista visual e arquiteta. É professora Associada no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília/UnB. É docente no PPGAV da UnB, orienta teses e dissertações em Poéticas Transversais. De 2003 a 2008 viveu em Paris, como bolsista da CAPES, para realização de doutorado em Arts et Science de L’art, Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) e em 2015 realizou Pós-Doutorado pela École Nationale Supérieure d’Architecture de Paris-La Villette (ENSAPLV) – GERPHAU. Líder do Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas Artísticas, GEPPA/CNPq. Tem participado de exposições nacionais e internacionais e sua pesquisa artística está relacionada com o corpo, a paisagem, principalmente a natureza por meio de caminhadas no cerrado e desvios em ações artísticas e instalações.

nivaldaassuncao@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1324439742747081>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2510-0617>

Como citar

FORTES, Hugo; ASSUNÇÃO, Nivalda. Arte e Natureza em tempos de mudanças climáticas. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6 n. 1, *n.p.*. 1º Semestre de 2025. Doi 10.14393/EdA-v6-n1-2025-79142 **(versão ahead of print)**.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.